

Prova Modelo

PROVA DE INGRESSO NOS CICLOS DE ESTUDOS CONDUCENTES AO GRAU DE MESTRE

PORTUGUÊS

I

Leia atentamente o texto que se segue e responda às questões que lhe são colocadas.

TEXTO

«1968: ilusão ou revolução, avanço ou fracasso?»

O Quartier Latin, o bairro latino de Paris que, faz agora 50 anos, inflamou-se com a loucura entusiasmada de barricadas em grande vibração, anfiteatros de rebelião e fraternidade estudantil. O coração da cidade que apenas 24 anos antes vivia a humilhação e a depressão da ocupação nazi. O corpo principal do levantamento dos universitários nasceu e cresceu na ressaca dessa desgraça.

A França, comandada por De Gaulle, o general que passou da liderança da Resistência para Presidente da República, era um país mergulhado em tradições e restrições. Era uma sociedade conservadora, autoritária, estancada. Foi contra isso que se levantou o Maio de 68. Tinha havido, à entrada dos anos 60, um tempo (o de Pompidou) de aparência de prosperidade económica, embora só para as classes mais instaladas. Centenas de milhares de migrantes portugueses e espanhóis amontoavam-se nos *bidonvilles* em volta de Paris, tentavam trabalho nas obras ou na indústria automóvel, alguns nas limpezas ou no serviço de porteiros. O desemprego disparava, e mais de dois milhões de trabalhadores nem chegavam ao salário mínimo.

Bob Dylan e Joan Baez, os Rolling Stones, Leo Ferré, Jean Ferrat, Barbara eram vozes que chegavam poderosas para inflamar as aspirações dos jovens universitários. Tal como o pensamento dos filósofos, Marcuse, Sartre, Althusser. A leitura de Rimbaud, Baudelaire e Aragon dava-lhes fôlego, a arte oferecia um horizonte. Havia um mundo diferente para viver: o feminismo, a ecologia, a liberdade sexual, o pacifismo, os direitos humanos, o respeito pelas minorias. Em fundo estavam as bandeiras da França: a fraternidade, a igualdade e a liberdade. Estes ideais não tinham correspondência na sociedade francesa daqueles anos 60. Fervilharam movimentos de contestação aos apertados corpetes instalados. Os cineastas, com Godard, Truffaut e o grupo Cahiers du Cinéma à cabeça, tinham aparecido em fevereiro como primeira frente de contestação. Muitos estudantes universitários foram puxados pela vaga dos cineastas. Havia que mudar o mundo.

A revolta do Maio de 68 ficou instalada no dia 13 daquele maio, quando os CRS, força de choque da polícia francesa, irromperam na Sorbonne para tentar desalojar os estudantes que tinham ocupado a universidade.

Prenderam uns 600 e assim pegaram ainda mais fogo à revolta que já era brasa em Nanterre, campus universitário na periferia oeste de Paris, onde os estudantes em internato tinham iniciado um levantamento contra o regime que proibia os rapazes de entrarem pelos corredores que levavam aos quartos das raparigas.

A Sorbonne e Nanterre tomaram a liderança do protesto estudantil e a polícia recebeu ordens para responder. Instalaram-se as barricadas. Saltaram cocktails molotov. A 17 de maio, a central sindical CGT, até então ambígua perante o protesto estudantil que, encabeçado por maoistas e trotskistas, lhe escapava, convocou a greve geral: 10 milhões de trabalhadores em greve, a França sem transportes, os mercados com escassez de abastecimentos. O que tinha começado por ser um levantamento estudantil tornou-se movimento social.

O governo viu-se obrigado a negociar. Pompidou chegou a acordo com a central sindical comunista: o salário mínimo teve aumento de 35%, todos os salários cresceram 10%, passaram a ser reconhecidas as comissões de trabalhadores em todas as empresas.

Ao mesmo tempo, avançava a lei do aborto. A interrupção voluntária de gravidez deixava de ser crime, tal como a homossexualidade. A mulher deixou de necessitar autorização do marido para abrir conta no banco.

O incêndio estudantil e social do Maio de 68 revela-se uma extraordinária peça de teatro social e político. Os estudantes nunca ousaram pensar na tomada do poder, o que pretenderam foi tomar a palavra. Conseguiram e, apesar de alguma frustração no final da primavera de protestos, as relações ficaram diferentes, com menos autoritarismo, os costumes soltaram-se e a pressão sobre algumas liberdades baixou. Foi possível alguma utopia que de tempos a tempos vai reaparecendo – o movimento Nuits debout representou, no ano passado, esse desejo da utopia que faz avançar a história.

O Maio de 68 em Paris, mal visto por muitos, trouxe avanços civilizacionais. Foi mais ilusão do que revolução, mais avanço do que recuo.»

Francisco Sena Santos In: <https://24.sapo.pt/opiniaio/artigos/1968-ilusao-ou-revolucao-avanco-ou-fracasso-2>

1. Justifique o título do texto, clarificando o sentido da utilização da disjuntiva *ou*.
2. Explique por que motivo o autor qualifica como *diferente* o mundo em que se debatiam, em 1968, os tópicos mencionados no período do texto «Havia um mundo diferente para viver: o feminismo, a ecologia, a liberdade sexual, o pacifismo, os direitos humanos, o respeito pelas minorias.».
3. Explícite o sentido da metáfora do fogo nas expressões «Prenderam uns 600 e assim pegaram ainda mais fogo à revolta que já era brasa em Nanterre» e «O incêndio estudantil e social do Maio de 68 revela-se uma extraordinária peça de teatro social e político.».
4. Elucide o sentido da palavra *utopia* no período «Foi possível alguma utopia que de tempos a tempos vai reaparecendo.».

II

Escolha uma das três propostas que se seguem.

1. Atente no seguinte excerto do texto:

«O incêndio estudantil e social do Maio de 68 revela-se uma extraordinária peça de teatro social e político. Os estudantes nunca ousaram pensar na tomada do poder, o que pretenderam foi tomar a palavra. Conseguiram e, apesar de alguma frustração no final da primavera de protestos, as relações ficaram diferentes, com menos autoritarismo, os costumes soltaram-se e a pressão sobre algumas liberdades baixou.»

Com base na reflexão que fez do excerto, redija um texto expondo e fundamentando a sua opinião acerca do papel dos estudantes nas sociedades contemporâneas. Nesse texto, reflita sobre se atualmente os estudantes dispõem de pensamento crítico que lhes permita atuar na sociedade e procure apresentar exemplos que elucidem as suas opiniões.

2. Atente no seguinte excerto de um artigo intitulado “Utopia e comunicação”:

«O problema da “utopia da comunicação” é, no fundo, o de todas as utopias: o de que elas prometem sempre mais do que aquilo que, de facto, podem dar; foi assim com a utopia cientista, com a utopia iluminista, com a utopia comunista.»

Serra, P. (s/d). Comunicação e utopia. Visto em <http://bocc.ubi.pt>. p.11

Comentando este excerto, reflita sobre o papel das utopias como (re)configuradoras do mundo e relacione-as com a condenação da tirania do pensamento único.

3. Atente no seguinte excerto de Julio Cortázar:

«O humor dessacraliza. [...] O humor pode ser bastante destrutivo, mas ao destruir constrói. É como quando fazemos um túnel.»

Cortázar, J. (2013). *Aulas de literatura*. Lisboa: Cavalo de Ferro. p. 161.

Partindo desta afirmação, problematize o papel do humor (e do riso) nas sociedades contemporâneas.

O seu texto deverá ter entre duzentas a trezentas palavras.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo que esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituem (ex.: /2018/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

COTAÇÕES

I

1.	3 valores
2.	3 valores
3.	3 valores
4.	3 valores

Total da cotação do Grupo I 12 valores

II

Cotação do Grupo II 8 valores

Cotação total da Prova 20 valores